

REVISTA CINE

SEMANARIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA



N.º 151

50 CENTAVOS

ANO IX



Invicta Cine

SEMANARIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA

«SINGRANDO CONTRA
TODAS AS PROCELAS»

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DE:
ROBERTO LINO
E
SOUTINHO D'OLIVEIRA
REDACITOR PRINCIPAL
ALVES COSTA
PROPRIEDADE DA
EMPRESA INVICTA-CINE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
(PROVISORIAMENTE)
RUA DAS MUSAS, 45
PORTO (Portugal)

ANO IX

Numero 151

PORTO
9 DE JANEIRO
1932

COMPOSTO E IMPRESSO NA
TIP. EMPRESA GUEDES, LDA. - PORTO

REDACTORES:

LISBOA: Fernando Barros
— e A. S. Machado —

PARIS: Daniel Maybon, Robert
— Gaillard e Maurice Hiléro —

NOVA-YORK: Artur Coelho

HOLLYWOOD: Olimpio Gui-
— — — lherme — — —

BERLIN: Simon Haimovici

VIENA: Fritz Miko

ROMENIA: Samuel Steinberg

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Olympia

estreia na proxima 2.^a feira
a interessante comédia
dramática da **Paramount**

CÉU ROUBADO

com a graciosa

Nancy Carroll

e

Phillips Holmes



Ilustra a nossa capa uma
fotografia da graciosa
actriz **Sally Blane**,
artista da
«Columbia Pictures».

A fotografia ao lado mos-
tra-nos uma imagem de
«A Tragédia da Mina»,
de PABST.

Os filmes de Pabst

KAMERADSCHAFT Sole 6, o filme de Pabst que tendendo a aproximar os homens, tem sido pelos mesmos homens proibido de ser apresentado, não se sabe quando fará, se fizer, a sua entrada no nosso país.

A *tragédia da mina*, obra do moderno Zola cinematográfico, vertida em moldes que os mais pacifistas encerram contudo nas mais verrimentas censuras, terá certamente no nosso país um mau acolhimento, pois é preciso conservar o rotineirismo cinematográfico do povo cinéfilo, rotineirismo que se cifra em somente apreciar filmes cantados ou com um *happy-end* ridículo e ultracômico. Infelizmente, a decadência actual da cinematografia não é senão resultante duma comercialização da arte; mas não virá longe a hora em que os Fritz Lang, os Pabst e os René Clair, façam cair para além, para a montanha do lixo, produções que não têm mais valor que o de serem uma cantata mais ou menos harmoniosa. Frivolidades das plateias dêste segundo quartel do século XX, que, no tempo do cinema silencioso, pediam filmes cómicos e agora só ambicionam os cantados.

Por isso, filmes como *A Tragédia da Mina*, que a leitura do argumento nos diz ser altamente pacifista, mas simultaneamente uma guerra aberta à fronteira que impede os homens de se misturarem e marcharem mais ou menos para uma fraternidade universal, além, talvez, de não agradar a um público cretino e snob, que não gosta do filme-versão da obra de Tolstói, *Ressurreição*, só porque sente nêlo o chicote forte contra determinados preconceitos sociais e simultaneamente é uma bofetada para muito espectador, para o qual as Katushas não têm valor, não convirá também aos empreiteiros das guerras, que as disfarçam depois sob os títulos de guerras políticas ou económicas.

Este Pabst que hoje pontifica tam grandemente na «literatura» cinematográfica contemporânea, êste Zola de hoje, que não se servindo como aquele da palavra para descrever quadros dum realismo brilhante, êste Pabst, que nos deu a *Rua sem sol* que era um latego sôbre as conseqüências das guerras, quando os nababos ou agentes dos empreiteiros mercadejavam as subsistências com o corpo das próprias mulheres, faz da porta gradeada duma alfândega de fronteira um simbolo; e as

máscaras de gazes com que veste as caras dos seus interpretes, quando vão procurar os seus camaradas asfixiados não tem aquele impressionismo que dava aos homens a aparência de feras, na última guerra.

E' mais uma vez ainda uma tentativa de humanização do homem-fera quando lançado no circo da guerra. Todavia os horrores da última já passaram, os que sofreram os seus males vão estando velhos e vão desaparecendo; a geração seguinte à qual o cinema parece ter apostado em mostrar os males da humanidade, é frívola, é estúpida, é boçal.

E caso interessante, cincoenta por cento dessa boçalidade, dessa requintada estupidez, que dá aos novos de hoje o aspecto de acéfalos, é devida ao cinema e particularmente ao cinema americano. A estupidez do capitalismo, criando mandriões e indolentes, trazida até à Europa pelos filmes, medida pelos olhos dentro de criaturas que não quizeram ver que aquela *jeunesse dorée* americana tinha horas de trabalho e horas de folga, criaram mais uns cem por cento de idiotas de filósofos de café, de criticos em mangas de camisa, que não julgam precisarem duma bagagem suficientemente grande para se abalançarem a certos fins.

Uma obra de Pabst, como *A Tragédia da Mina*, se for apresentada em Portugal, começará por não agradar aos empreiteiros da carnificina e acabará sob a pena mesquinha de qualquer critico, escrevendo num café, berrendo para mostrar uma erudição estudada, na plateia dum cinema...

Antigamente, nos bons tempos da verrina do Gervásio Lobato, já a critica era representada por um imberbe cabeça ôca, com sorrisos petulantes e ares de semi-deus. Hoje, se outro Gervásio aparecesse, pintaria os criticos de cueiros, agarrados a um biberon, folheando as impressões dos criticos doutros países que, valha a verdade, não são melhores que os actuais nacionais.

Um filme de Pabst nunca pode agradar num país onde as plateias cinematográficas são compostas por muita gente que só vê no cinema o meio de passar a noite...

Sócrates.

Da vida cinematográfica



CLARA BOW

Jeanette Mac-Donald vai cantar a Viúva Alegre O novo director do «Teatro de la Gaité Lyrique», Mr. Maurice Catrieus, contratrou

Jeanette Mac-Donald. A bela e aplaudida artista americana dará trinta e cinco representações de *A Viúva Alegre*, dizendo-se que receberá vinte mil francos por cada espectáculo... Ainda dizem que não há dinheiro...

G. W. Pabst vai filmar a Atlantida... mas não se conhecem ainda os intérpretes. Pabst devia ter ido a Paris, na semana passada, para fazer a distribuição definitiva dos papeis. Para desempenhar Antinéa pensára-se em Greta Garbo e em Marlène Dietrich cujo contrato estaria ligado a uma combinação de exploração do filme nos Estados-Unidos. Finalmente parece que é Brigitte Helm quem tem mais probabilidades de vir a interpretar êsse papel, fazendo esta artista as três versões: francesa, alemã e inglesa.

Para o papel de Capitão Morhange a escolha parece que tem sido ainda mais difficil. Pensa-se que será Jean Angelo, que criou êsse papel na versão realizada por Jacques Feyder, o artista que G. W. Pabst virá a escolher. Mas nada, por enquanto, é certo.

Afirma-se, todavia, que Pierre Blanchard fará de logar-tenente de St. Avit.

Boatos... Só boatos? Achamos que não. John Gilbert e Lupe Velez... sim, não sei se nos entendem... andam para aí a dizer que são dois grandes amigos, que é só amizade que os une, que é um sentimento puramente fraternal o que alimentam um pelo outro... Mas a gente é que não vai nisso. O que é certo é que eles andam sempre juntinhos, só pensam um no outro, só falam um do outro... e, quando John Gilbert deixou Nova-York para vir de passeio até ao Velho Continente, Lupe Velez não pôde suportar por muito tempo as saudades pelo seu sweetheart e embarcou tambem para a Europa...

E depois ainda não querem que a gente faça má língua...

Uma boa anedota O *Motion Pictures Daily* conta esta engraçada história acêrca do actor Hal Skelly:

Quando Skelly esteve em Londres, foi um dia à missa e aí viu um homem cuja cara não lhe era desconhecida. Quando acabou a cerimónia religiosa, Hal Skelly dirigiu-se a êle e perguntou-lhe:

— Diga-me uma coisa: eu não o conheço?

— Não, respondeu o outro, mas eu conheço-o a si. Você é Hal Skelly e já o vi em diversos filmes.

— E o senhor quem é? — interrogou Hal.

— Eu... eu era o rei de Espanha!...

Noticias. Consta-nos que Saur Ben-Hadécos e boatos fid é uma apaixonada das «batalhas navais» e que ganhou um dos prémios do oitavo concurso do *Reporter X*.

No sábado passado houve um princípio de incêndio no Cinema Passos Manuel tendo ficado o pano que cobre a tela ligeiramente chamuscado.

O frio nos nossos cinemas é tanto, que, no Passos Manuel, apesar de já haver algum aquecimento, alguns espectadores se viram obrigados a correr e a saltar ao eixo para não morrerem gelados, nessa mesma noite de sábado.

Temos recebido a nova revista cinematográfica *Films*, que se apresenta com um excelente aspecto gráfico.



Heloisa Clara

Encontra-se bastante doente a artista Heloisa Clara, que estava interpretando um papel de destaque no filme *Amor sem asas*, que António Leitão está realizando.

EIS um filme sôbre a África Equatorial, que constitui a mais admirável aventura filmada na selva africana. A expedição que teve por chefes Paulo L. Hoefler e Walter A. Futter foi organizada por um grupo de cidadãos de Denver, no Estado do Colorado.

Deixou esta cidade a 18 de Julho de 1928 para a África, donde voltou em 22 de Setembro de 1929, depois de ter atravessado o continente negro de lado a lado.

Percorreu, para o filme *A Voz da África*, 18.000 milhas com dois camiões, tendo levado 65.000 pés de filme virgem. Poder-se-há já calcular a natureza do trabalho realizado.

O ponto de partida da expedição foi do pequeno porto de Lagos, no Atlântico. Subiu o Niger, partindo da aldeia de Akasa, num pequeno vapor especialmente adaptado. Depois de 800 quilómetros de navegação, os camiões empreenderam uma etapa de 1.600 quilómetros pela parte meridional do Sahará até ao rio Chari, onde as dificuldades começaram. Felizmente para eles que os franceses estabelecidos na outra margem do rio concederam aos exploradores uma generosa hospitalidade.

As etapas que se seguiram foram duas; as chuvas tinham começado a cair torrencialmente, transformando o solo em pântanos. As febres dizimaram os carregadores negros e apenas se podiam fazer 8 quilómetros por dia; por fim, os obstáculos foram vencidos e os camiões chegaram à orla da grande floresta do Touri, onde encontraram numerosos elefantes e também pigmeus, a mais pequena raça do mundo, pois os adultos não ultrapassam 1^m.25; os exploradores registaram numerosas observações sôbre os costumes dêste povo e notaram, entre outros, a cerimónia do casamento de experiência.

Certas pessoas imaginam que isto é uma invenção da nossa época de costumes desregrados: é um erro; os pigmeus, duma moralidade irrepreensível, conhecem desde tempos recuados a instituição do casamento de experiência. Lá, quando um jovem e uma rapariga pigmeia se amam, pedem aos seus pais

A VOZ DA ÁFRICA

filme realizado na selva africana
por P. L. Hoefler e W. Futter



P. L. Hoefler na companhia de dois intérpretes de «A Voz da África»

a tribo das mulheres de prato, assistimos à dança dos impalas, espécie de antílopes extraordinários, e vemos uma região fértil devastada e arruinada por uma nuvem de gafanhotos.

Entre os El-Moran, ou matadores de leões, têm lugar tomadas de vistas perigosas e movimentadas, em que um leão carregou sôbre os operadores, que se defenderam a tiros de revólver.

O filme *A Voz da África* mostra-nos como é perigoso para um caçador ou explorador, subir às árvores para se defender do leão, porque algumas vezes aquele animal corre de ramo em ramo como um gato e desgraçado do homem que julgue encontrar ali um refúgio.

Por fim, os exploradores tiveram conhecimento da coragem dos negros. Uma noite, quando eles dormiam no Lago Vitória, foram acordados em sobressalto por terríveis urros e um grande tan-tan de guerra: era uma multidão de guerreiros armados de maças e zagaiaes que queriam experimentar a coragem dos brancos. E êsses brancos ainda não voltaram...

licença para se casar. Se a permissão é concedida, vão pedir o consentimento ao chefe da tribo; aquele faz-lhes um longo discurso sôbre os deveres recíprocos dos esposos e depois casa-os. Mas não definitivamente! Os recém-casados devem viver em conjunto durante um ano. Se ao fim dêste tempo reconhecerem que se enganaram, separam-se simplesmente. Se, pelo contrário, êles estão satisfeitos um com o outro e certos de que o seu amor não corre risco de extinguir-se, êles voltam ao chefe. Uma cerimónia tem lugar, segundo um rito especial, e é neste momento que o casamento se considera indissolúvel. Desgraçado daquele que seja infiel!

A bem dizer, o adultério é muito raro entre os pigmeus, mas não é perdoadado; e a culpada não tem outro recurso para evitar a pena de morte senão fugir para a selva, onde a esperam as feras, mais terríveis ainda...

Depois da visão da curiosa raça dos pigmeus, admiramos o lago Olbaloso com os seus milhares de tons róseos. Depois de uma visita aos Oubanguis,

FOTOGRAFIA GUEDES

O MAIS COMPLETO ATELIER FOTOGRÁFICO

NEVES GUIMARÃES

346, Rua Santa Catarina, 350. Telef. 2680

○ CONGRESSO QUE DANSA



HENRY GARAT, o Czar do «Congresso que Dança», e JEAN MURAT, o capitão Craddock de «A Loucura de Monte Carlo».

LEMOS algures que a estrêla do mais formidável dos capitães de todos os tempos começou a empalidecer quando os seus soldados, famintos, rotos e descalços, mais parecendo um exército de maltrapilhos do que o vitorioso exército de Napoleão I, comandado por o brioso Junot, para o qual se iam abrir os salões doirados do conde de Farrôbo, atravessaram a fronteira luso-espanhola e, seguindo o curso do Tejo, chegaram a Lisboa.

Não foi propriamente Waterloo a 18 de Junho de 1815 quem marcou a saída para a ilha de Elba do colossal chefe, ao qual as campanhas da Rússia tinham feito vacilar o poderio; a estrêla empalidecera poderosamente quando já «o filho querido da vitória», Massena, sofreu o tremendo revés do Bussaco.

Não cabe, infelizmente, sob determinado ponto de vista, a Portugal a honra de ter feito vacilar o homem grandioso que assombrou a Europa; Portugal não foi mais do que um campo de manobras do exército inglês, auxiliado por meia dúzia de bisonhos portugueses, mal armados e pior vestidos... Favoreceu-nos a topografia do nosso solo, o cansaço extraordinário dos exércitos, que não podiam entregar-se no nosso país ao gôso das delicias de Cápua.

Mas a Inglaterra, no seu suave isolamento, vendo aniquilar-se-lhe o seu comércio, houvera por bem aderir às coligações austriaco-russas e quejandas e obrava não só pelo interesse próprio, mas ainda pelo ódio raivoso de político que a Napoleão tinha Metternich.

A queda da águia em Waterloo não queria dizer que ela fôsse simultaneamente a sua morte; a águia caíra, levantara vôo para a ilha de Elba, voltara durante cem dias, e se no fim não a tivessem grilhetado em Santa Helena, talvez novamente voasse, talvez a sua ambição extraordinariamente cega tornasse a fazer vacilar os scetros e as coroas...

E aproveitando o estupor da águia, reduzida a pomba, na ilha de Elba, Metternich fazia reunir em Viena o célebre Congresso de Viena. Ia jogar-se a Europa, tentar fazê-la voltar às fronteiras que se tinham despedaçado ou alargado.

Metternich ia procurar puxar a braza para a sua sardinha, verter toda a bilis que reprezara sôbre as costas do corso ausente...

○

○ ○

O Congresso que Dança, o congresso de Viena, já se disse nesta revista, não tem precisão histórica; mas a alma da época, tem o saber compreender a alma viva da Viena do século XIX, tem a vivacidade que lhe dá a frivolidade, o *élan* extraordinário do saber viver, a graça que se mendiga nuns olhos de mulher, o amor que se colhe num beijo nos lábios; tem na estualização da mocidade um elemento de agrado.

Tem no cochichar terno dos amores de Viena o ritmo duma valsa, a duração duma rosa, amores que nasceram numa manhã com a chegada dum príncipe ou dum graduado militar e que morreram dias depois, acabado o congresso, numa outra manhã húmida, uma humidade fresca que deixou sôbre as rosas dos canteiros umas gotinhas perladas, como aquelas que ficavam brilhando nos olhos das vienenses, quando descobriam o efêmero dos seus amores.

Contos vêlhos de amores ingénuos vividos há um século, por raparigas lindas de saias-balão, que faziam quando andavam em fru-fru cadenciado e ritmico, marcando como o tempo duma valsa.

Filme iluminado pela graça travessa duma loira encantadora, que tem o extraordinário condão de nos apaixonar, de nos fazer sentir com ela as dores de infortúnio de amores desiguais e por isso mais fortes; uma loira que vai bailar naquela cadência que havia de obrigar Johann Strauss, nascido dez anos depois do congresso, a imortalizar-se nas valsas; uma loira irrequieta, que faz beicinho quando a contrariam, que põe a boca como um coração, que apetece beijar, uma loira que todos estimam, porque se chama Lilian Harvey na vida e Christel no filme.

O partenaire que vai viver estes amores é garboso, sabe ser um Czar de verdade, um apaixonado perfeito; chama-se Henry Garat.

Com estes dois nomes, *O Congresso que Dança* é um filme leve, gracioso e belo, que sem ter a dureza do filme histórico que nos arrebatava, nos encanta, nos seduz.



Lilian Harvey,

a encantadora luveira do filme **O Congresso que Dança**,
numa cena desta super-produção da UFA,
que brevemente será apresentada no Pôrto pela

AGENCIA CINEMATOGRAFICA
H. DA COSTA, L^{da}

SE Marion Davies não tivesse ido nadar à praia Palm Beach, no inverno de 1918, com um grupo de jovens coristas, provavelmente nunca teria entrado para o cinema.

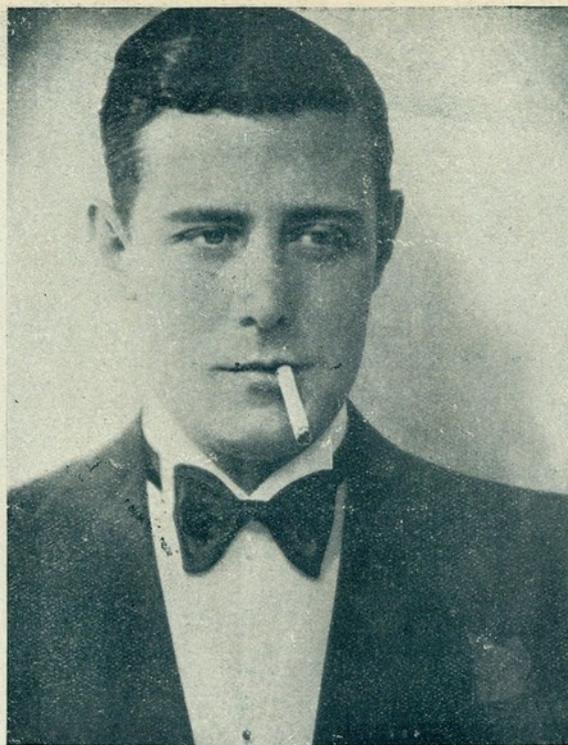
Fala Marion Davies:

«Tínhamos ido a Palm Beach em *tour-née* e uma manhã algumas colegas resolveram que devíamos ir nadar. Antes que entrássemos na água, começamos a fazer piruetas na areia e um operador cinematográfico que estava filmando «actualidades», pediu-nos que fizéssemos alguns gestos e passos de dança perante a «camera». Quando este noticiário cinematográfico foi exibido em Nova York, George Lederes, produtor de filmes, foi atraído pelas minhas qualidades fotogénicas e procurou-me para me tirar uma prova cinematográfica. O resultado foi satisfatório tendo-me sido confiado o primeiro papel feminino em *Runawai Romany*.

Norma Shearer teve a sorte de entrar para o cinema pelo simples facto de ter sido atacada de tosse quando esperava em linha com um grupo de extras num dos estúdios de Nova York, em 1920.

«Durante semanas e semanas eu andava vagueando pelas ruas e rondando os departamentos de elencos afim de conseguir trabalho no cinema», relata Norma. «Certo dia, fui a um dos estúdios onde solicitavam doze jovens para um filme. Quando eu cheguei já havia mais de cem concorrentes. O director assistente já tinha escolhido onze e aconteceu que naquele momento me deu um acesso forte de tosse que não pude de modo algum conter. O director virou-se para o meu lado e contratou-me. Não era grande coisa o que tinha a fazer, mas foi dêste modo que abri o caminho para a minha segunda aparição na tela. Fui escolhida para representar o primeiro papel num certo filme de «cowboys» em que me pagavam cem dólares semanais.

Wallace Beery iniciou a sua carreira no



Henry Garat

imitar a primadona da companhia. Um produtor cinematográfico que me viu, logo me ofereceu um papel de criada sueca num dos seus filmes. Daí por diante abandonei o teatro e continuei interpretando *criadas suecas* durante muitos anos».

Edward Pinney Earle, o grande pintor, teve em certa ocasião a ideia de filmar uma produção, utilizando cenários pintados por êle próprio. Com este fim, dirigiu-se a uma troupe de bailarinos que dansavam num dos *cabarets* de Los Angeles. Neste grupo achava-se um rapaz de raça espanhola, a quem Pinney Earle escolheu para interpretar o primeiro papel no filme projectado. Este filme era intitulado *Omar Khayam* e o rapaz de raça espanhola era Ramon Novarro. Rex Ingram viu uma exibição privada desta película e contratou o jovem mexicano para interpretar um papel em *Os quatro cavaleiros do Apocalipse*.

Greta Garbo teve a sorte de entrar para o cinema, quando trabalhava no departamento de chapéus de uma grande casa de modas em Sto-

Como alguns artistas cinematográficos iniciaram a sua carreira

cinema quando interpretava papeis vestido de mulher.

«Eu estava trabalhando num teatro em Chicago, antes da guerra mundial», narra Beery, «e interpretava papeis cómicos. Um belo dia tive a ideia de me vestir de mulher e

kolmo. Este armazem filmou uma película anunciando os seus modelos e Greta foi escolhida para servir de manequim. Maurice Stiller, o director sueco, viu a fita e contratou Greta para entrar em *Gosta Berling*. A sua admirável interpretação neste filme valeu-lhe um longo contrato com a «Metro-Goldwyn-Mayer».

Norman Taurog, célebre director cinematográfico, há alguns anos, dirigia um filme educativo e necessitava de um menino para representar um papel nesta produção ao lado de Lloyd Hamilton. Então lembrou-se do seu sobrinho, Jackie Cooper e contratou-o para interpretar o papel necessário. Resultou Jackie ter sido incluído na famosa *Our Gang*, os endiabrados garotos das comédias de Hal Roach. Pouco tempo depois interpretou um dos principais papeis da famosa produção

Skippy, e recentemente trabalhou com Wallace Beery em *The Champ* que está causando um grande sucesso nos cinemas de Nova York.

William Haines caminhava muito socegado pela Broadway, quando foi abordado por Bijou Fernandez—exploradora dos estúdios de Samuel Goldwyn, que andava à procura de caras novas para o cinema. Ela perguntou-lhe se êle era actor. Haines respondeu que o seu negócio era vender títulos e acções da



Blanche Montel

tal coisa. O seu modo de actuar e de ler o diálogo impressionou de tal forma o director Brown que Miss Morley recebeu um papel num filme de Greta Garbo.

Madge Evans entrou para o cinema quando tinha seis anos de idade, por intermédio dum director que morava em sua casa.

Este director era Emil Chautard, que dirigia para a «World Film Company», em Fort Lee, New Jersey. Ele desejava uma menina para interpretar ao lado de Robert Warick num filme intitulado *Sudden Riches*. Então Chautard pediu licença à mãe de Madge para autorizar sua filha a entrar neste filme. Depois disto Madge Evans trabalhou em várias produções e finalmente interpretou o papel principal em *The Little Duchess* e outros filmes até que chegou à idade de não poder mais interpretar papeis de criança.

Clark Gable trabalhava no palco antes de entrar para o cinema. Naquele tempo o director Harry Beaumont estava procurando um tipo de homem malvado afim de representar com Joan Crawford em «*Dance, Fools, Dance*». Indo a um dos teatros de Los Angeles viu Gable representado em «*The Last Mile*». Percebeu que era de um homem daquele tipo que necessitava e desde então é que Clark Gable tem estado trabalhando no cinema.

Bolsa de mercadorias. Então ela ofereceu-lhe uma passagem grátis até Hollywood, e desde essa ocasião começou a carreira cinematográfica do impagável Haines.

Karen Morley conseguiu entrar para o cinema enquanto esperava ser atendida no departamento de elencos da M. G. M., afim de ver se conseguia trabalho como extra. Clarence Brown necessitava de uma jovem para ler o diálogo com Robert Montgomery para uma prova dum filme, e ela então foi enviada aos cenários sonoros afim de fazer



Norma Shearer e Robert Montgomery

FITAS FALADAS...

ANO NOVO

Eu e o Jeremias somos dois bons amigos, parecidos por dentro e diferentes por fora. Somos, na mitologia contemporânea, Castor e Polux. Porisso, quando o dia de S. Silvestre entrou em agonia, juntámo-nos para assistirmos ao último suspiro do ano de 1931 e ao primeiro vagido de 1932.

Fomos, não sabemos como, parar a um animadíssimo *reveillon*, onde a pândega era rasgada e havia gente disposta a dansar, beber, cantar e dormir. Eu sou exímio em dansar e cantar e o Jeremias em beber e dormir. Dividimos, segundo as nossas faculdades, os referidos fins do *reveillon*. E assim, quando eu entrava *rafinné* e lépido, nos primeiros passos do *Vira, Vira*, o meu inseparável amigo iniciava, *demodé* e pesado, os preparativos do *Esta noite me emborracho*.

Ai, queridas leitoras! que pena não estar lá nenhuma de vocês (das que costumam intrigar o AMOK com inofensivas brincadeiras de menina cinéfila) para se rirem da figura do Jeremias quando este, possante quadrilátero, levantando a sua estatura entre duas *mignonettes* que o escoltavam, exclamou com voz estentória—era meia noite menos dois minutos—o intróito do seu discurso romântico.

Na Invicra ninguém sabe que o Jeremias tem discursos em todos os géneros. Chega a fazê-los em géneros de mercearia...

O discurso romântico começa assim:

«Um dos convivas empunhando a taça, ergueu-se lentamente e com voz rouca...»

Mas não passou daqui o meu amigo, porque um poeta espinafado, revis-teiro de truz, poz-se dum salto sôbre uma cadeira e rematou de improviso:

«Cala-te que já chega, por desgraça, a lata que tu tens—e não é pouca...»

E se não tivesse chegado a meia noite, tínhamos ali um jogo floral onde certamente o Jeremias ficaria vencedor.

Uma gritaria ensurdecadora atroou no salão. O ano de 1932 entrava triunfalmente. Havia berros, pinotes, disparavam-se garrafas de *champagne*, e um matulão de *smocking* virava cambalhotas em cima dum tapete.

Viva o 1932!

Viva o bissexto!

Viva o calixto!

Toda aquela gente, rapazes e raparigas, parecia ter ensandecido. O *Jazz-band* zaragateava furiosamente. O Jeremias soprava com força, de bochechas inchadas, o gargalo duma garrafa vazia produzindo um silvo grosso e antipático.

E nem um único cinéfilo conhecido havia naquela formidável paródia celebrada em louvor do Ano Novo!

Como teriam os cinéfilos celebrado a chegada do 1932?

Onde estariam eles, naquela hora de alegria?

Em casa folheando revistas ilustradas, onde há gravuras que sabem a pecado, atraídos pelo *sex appeal* de papel *couché*? Nas praças públicas, diante dos *placards*, ou na beira dos passeios presenciando o businar desenfreado dos automóveis, muito convictos do seu papel de comparsas num filme noturno, cheio de ruídos, de luzes, mas sem o fundamento principal—que é a mocidade?

Onde estariam, pois, os meus cinéfilos e as minhas cinéfilas?

Decididamente não sei.

E lembro-me, por acaso, dos rapazes bem postos, que nos intervalos, passeiam pelos corredores dos cinemas, em cabelo, andar ensaiado, gestos mecânicos, e que muitas vezes vão espereitar da porta do balcão as raparigas guardadas pelas mamãs—essas rapariguinhas cinéfilas que fingem ler os progamas com os olhos postos num *écran* que está dentro delas.

Que pena tenho de, quando as vejo assim demasiadamente senhores do seu papel, sentimentais como mami-feros no estado de lactescência, não poder chegar-me a elas, e a elas, sacudi-las pelos ombros e gritar-lhes aos ouvidos:

—Não pensem nisso, patetas!

Porque se os cinéfilos todos conhecessem o Jeremias como eu o conheço; se dessem, como ele me ensinou a dar, ao diabo tôda essa moléstia de parecer alguém por fora e não ter um pataco de ideias dentro da cabeça; se desatassem a avaliar a vida como um facto consumado—porque a vida não está, positivamente, só dentro das latas de películas; se se lembrassem que são rapazes novos e que possuem cabeça, tronco e membros; acreditem, meus caros leitores, é muito possível que eles estivessem todos comigo para acompanhar-me no *reveillon* da última noite do ano.

Não estiveram lá... Onde está por aí o Diogenes capaz de os ter procurado?

Nem o Jeremias, que é profeta, me soube responder.

Também, mesmo que o soubesse, não podia.

Quando a festa acabou, fazia frio na rua.

Um frio terrível. A manhã não clareava ainda. E o Jeremias, com todo o aspecto de pessoa encaimada, atirou fora o *cache-coal*, a gabarbine, e começou a caminhar na minha frente, aos balanços, como o trapézio diante da objectiva, no «Salto Mortal».

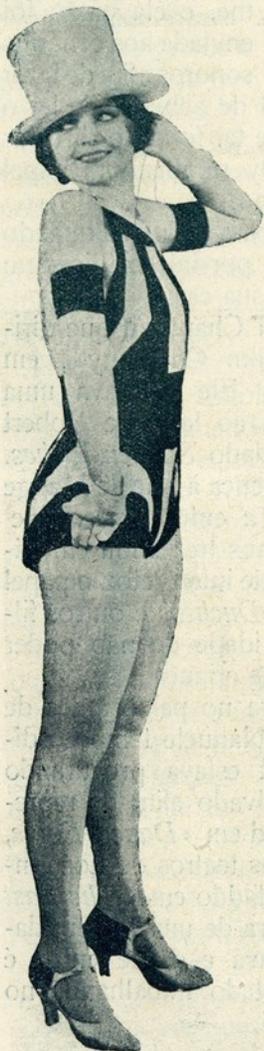
Um da *malta* perguntou:

—Eh! Jeremias, onde vais tu assim?

O meu querido amigo apoiou-se de encontro a uma parede e descrevendo com a mão um gesto confuso respondeu ao tal:

—Pois não vês, menino... eu vou *direito* para casa.

Douglas Faz... bancos.



Nancy Carroll

FOTOGRAFIA GUEDES

PRIMEIROS PRÉMIOS
EM TODAS AS EXPOSIÇÕES
A QUE TEM CONCORRIDO

346, Rua de Santa Catarina, 350

Jacqueline Francell

fala do seu papel em *La petite Chocolatière*

VOCÊS certamente já sabem que Jacqueline Francell vai fazer o seu primeiro filme, *La petite Chocolatière*, para os estúdios Braunberger-Richebé.

Fui ontem visitar a linda artista das *Bouffes Parisiens* para saber as suas primeiras impressões.

Encontrei-a no seu camarim, num intervalo duma revista de Rip: *Sous son Bonnet*.

E' entre as recordações de três anos de teatro — três anos de triunfos indiscutíveis — que forram o seu camarim, que a deliciosa artista me fala do papel que vai desempenhar em *La petite Chocolatière*.

Durante todo o tempo que estive com ela, Jacqueline Francell não poupou elogios aos seus amigos Koval, Dorville, Raimu e Meg Lemonnier, cujas fotografias se vêm artisticamente espalhadas pelas paredes.

A amabilidade, a delicadeza e a encantadora simplicidade com que fui recebido conquistaram-me por completo imediatamente.

A criadora de *Flossie*, com a sua voz fresca e suave, fala com entusiasmo da sua entrada para o fonocinema.

—« *La petite Chocolatière*, diz ela, sou eu... »

Quantas coisas não diz Jacqueline Francell nestas simples palavras, que traduzem o entusiasmo particular que tem por êste filme e pelo seu papel, muito moderno, muito alegre, que parece ter sido feito de propósito para ela.

—« Creio no futuro do fonocinema que está ainda em princípio. E' necessário trabalhar imenso, pois há ainda muito a fazer, tanto no domínio da arte como no da técnica.

« Segundo o meu modo de ver, o cinema francês é demasiado severo.

A tendência que agora se nota para se fazer muitas vezes um estudo psicológico, provém talvez do facto de nós não estarmos ainda suficientemente desembaraçados da influência alemã.

« *O Milhão, Mademoiselle Nitouche*, por exemplo, parecem indicar o caminho que os nossos realizadores deveriam seguir para satisfazer um público ávido de alegria. »

Ao ouvi-la assim falar, eu reconheci a juventude e a alegria da deliciosa artista, cujo maior desejo é ser consagrada na opereta cinematográfica, e fiquei certo de que ela não parará na primeira tentativa.

—Você não teme que o fonocinema mate o teatro?

—« Não! — responde ela categoricamente — porque nada pode substituir esta comunicação perfeita do grande

público com o artista, esta espécie de magnetismo que os liga um ao outro... »

« A delicada e infatigável artista, que trabalha no estúdio das nove horas da manhã às sete da tarde, para retomar o trabalho no teatro das oito até à meia-noite, tem muitos projectos na mente.

Em primeiro lugar, uma opereta que ela criará em Março ou Abril próximos, nos *Bouffes Parisiens*, com Jean Gabim e Koval: *La Pouponniere*, de Pujol.

Por outro lado, pensa em vários filmes, ácêra dos quais, todavia, nada diz.

M.^l Francell fala perfeitamente inglês e aprendeu português durante uma estadia no Brasil, o que me leva a acreditar que ela não hesitaria em filmar em qualquer destas línguas.

Jacqueline Francell é chamada para o terceiro acto, e despede-me amavelmente, pois ainda tem de mudar de vestido.

Consola-me, no entanto, a esperança de a voltar ver bem, dentro em breve, no écran.

Robert Gaillard

(red. da INVICTA-CINE em França)

Paris, Dezembro de 1931.



JACQUELINE FRANCELL

ACTIVIDADE CINEMATOGRAFICA

EM TODO O MUNDO



FRITZ LANG, o famoso realizador de *Malou!*, encontra-se presentemente em Paris. Entrevistado, declarou que, dentro em breve, vai começar com a filmagem de *O Testamento do Dr. Mabuse*.

RONNY, uma das recentes produções da Ufa, estreitou-se ultimamente em Berlim, no *Glória Pálace*, onde obteve enorme sucesso. Este filme ainda esta época será apresentado em Portugal.

Depois de uma viagem de estudo aos Estados Unidos, regressou há dias a Paris o jovem realizador Jacques Tourneur. *Vieux Garçon*, o primeiro filme que Tourneur produziu, está sendo exibido com sucesso na capital francesa.

Vai ser produzida uma versão falada do filme *Rasputine*. Conrad Veidt desempenhará o protagonista.

Em Nice, Hans Schwarz continua a filmagem de *La Petite Femme de Montparnasse*.

No cinema *Moulin Rouge*, de Paris, continua obtendo o mais franco sucesso o último filme de Milton, *O Rei da Grava*.

Durante o corrente mês, a empresa produtora *Films Osso* apresentará: *Brumes*, com Jean Murat, Amandy e Danièle Parola; *La Femme de mes rêves*, com Suzy Vernon, Roland Toutain e Armand Bernard, e *Le Sergent X...*, com Ivan Mosjoukine, Jean Angelo e Suzy Vernon.

A «M. G. M.» apresentou recentemente em New-York o filme *A Christmas Party*, o qual é interpretado por Jackie Cooper, Norma Shearer, Marion Davies, Marie Dressler, Ramon Novarro, Wallace Berry, Clark Gable, Robert Montgomery e Lionel Barrymore.

CONRAD NAGEL, Frank Capra, M. C. Levee e Benjamin Glazer, foram nomeados directores da Academia de Artes e Ciências do Cinema.

Os dois irmãos Barrymore, John e Lionel, serão os intérpretes de *Arsene Lupin*, um novo filme da Metro, dirigido por Tod Browning.

CARL LAEMMLE JUNIOR, chefe geral da produção *Universal*, declarou aos jornalistas que «o cinema, hoje em dia, anda muito vulgar e cheio de ideias medíocres».

RICHARD WALLACE vai dirigir Gary Cooper e Eleanor Boardman em *Farewell to Arms*, da Paramount.

O conhecido actor Charles Vanel vai realizar nos *estudios* da Pathé Natan o filme *Au coin Joli*, cujo argumento é da autoria de Frédéric Boutet. Vanel interpretará também um dos principais papeis.

Segundo uma estatística levada a efeito por um dos empregados da Paramount, esta empresa, durante os seus vinte anos de laboração, gastou cerca de 350 milhões de metros de filme.

A fim de tratar da organização de uma nova empresa produtora de filmes, está no Pôrto o realizador Leitão de Barros.

Segundo nos consta, o referido artista-produtor pensa adaptar os antigos studios da «Portugalia Films» para a realização de fonofilmes portugueses.

O antigo teatro Carlos Alberto deve, dentro em breve, ser adaptado a Cinema.

O célebre filme *Matou!* aparecerá ainda este mês no Olympta.



A N N A B E L L A
a encantadora intérprete de
UMA NOITE DE RUSGA

Por que eu amo-o—Lisboa—Faz muito bem. Os rapazes da Invicta-Cine, minha querida leitora, são cada qual mais fotogénico... Isto aqui é começar numa ponta e acabar noutra. Transmitida a sua carta ao Douglas Faz... bankos. Muito obrigado pelos beijinhos.

Titili-Braus—Pôrto—O meu caro amigo podia empregar melhor o seu tempo do que a fazer-me perguntas tão ingénuas. Então Você não sabe o que é *mise-en-scène*? Pois olhe, eu não acredito. Lá que Você não saiba o que é *long-shot* admite-se. *Long-shot* é o mesmo que plano de conjunto. Agora veja lá se quere que eu lhe diga o que é plano... Diz Você que nós somos velhos amigos e conhecidos. Pela letra, pelo papel e pelo pseudónimo não posso adivinhar quem seja.

Zinom—Ponta Delgada—Válá, pelo que Você me conta já vos vão apresentando alguns filmes de valor. Também já não é sem tempo. *Sedução*, por exemplo, é uma obra cheia de beleza. Veja *Linha Geral* com muita atenção. É um filme magistral e como Você não verá muitos. Também li em diversas revistas estrangeiras que Clara Bow se havia casado. Creio que é verdade. Se Você tinha tenções de se propôr para marido, chega tarde... Obrigadinho pelos desejos de boas-festas. Espero que tenha um feliz ano novo.

Amo um académico—Pôrto—Então as rabanadas que tal lhe souberam? E esses apaixonados que andam à sua volta tem tido a honra dum sorriso seu? Estou a ver que Você é muito pretendida... Espero que o novo ano lhe traga muitos sucessos amorosos e não se esqueça dos seus amiguinhos. Apareça, dê-nos um ar da sua graça.

Mar-e-Alva—Pôrto—Já deve ter lido o que no último número se disse ao sr. J. R. a propósito da comparação de Fritz Lang com Vertov. Esses senhores julgam que se pode ser crítico de cinema assim do pé para a mão e não se lembram que para não dizerem tolices precisam de lêr e estudar muita coisa... A *legenda* tinha ali um bom assunto para um artigo humorístico... mas deixe lá, o melhor é não falarmos mais nisto. A direcção de Marie Glory é: 3 rue Berton, Paris (17) França. Agradecemos os seus bons desejos para o ano-novo e retribuimos.

Futuro aviador—Lisboa—Se leu no último número a crónica de Lisboa, já deve estar informado do que deseja saber. O filme que António Leitão está realizando intitula-se *Amor sem azas*. Que tal me parece? Não me parece nada. Já aqui disse que não quero fazer previsões. Sempre às ordens; obrigadinho pelos desejos de boas festas.

Almeida A. Santos—Pôrto—O primeiro filme falante de Norma Talmadge foi *Noites de Nova-York*. Não me lembro de ter visto Bela Lugosi. Sei todavia que está actualmente nos «Universal Studios», Universal City, Califórnia, U. S. A. Deve escrever-lhe em inglês mas pode fazê-lo mesmo na nossa língua. O essencial é mandar vinte e cinco centimos americanos...

Zopi—Pôrto—Ora seja bem aparecido! Há um grupo de leitores que faziam parte da «nossa família» que se encerraram no mais impenetrável mutismo. Uns ingratos! Pois eu já o ia incluir nesse grupo, sabe? Afinal, Você surge de novo, dando-me «um ar de sua graça», e ostentando um novo e todo simpático pseudónimo. Obrigadinho pelos desejos de prosperidades para o ano que começa.

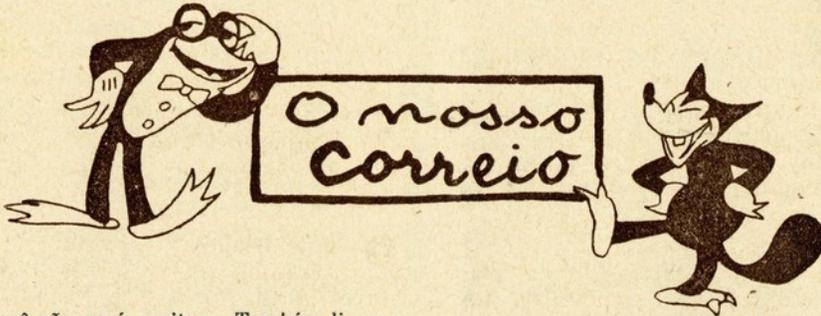
D. Juan irresistível—Pôrto—Faço ideia!... Lil Davogor está trabalhando na América. Filmou já para a «Warner-First National» uma película que se intitula: *A mulher de Monte-Carlo*. Não sei ainda quando será exibido no Pôrto *Viva a Liberdade!* Obrigadinho pelo abraço.

Guidita—Pôrto—Afinal Você faltou à sua promessa. Por um lado foi muito gentil, mas por outro esqueceu-se do que me disse... Quando me dá de novo notícias suas?

A. M. Ferreira—Pôrto—Tem carradas de razão. A sua indignação não podia ser mais justificada e nós estamos de acordo consigo, mas não podemos dar publicidade à sua carta, como nos pede. O Director está em más relações com a entidade que Você ataca e por isso não lhe podemos fazer a vontade porque não queremos que julguem que andamos procurando motivos para vingancinhas, o que é bem contra o nosso feito.

Rosa Desfolhada—Leiria—Eu já contava com uma carta sua pelo Natal. De mais a mais nós sabemos que

Você é uma das nossas melhores amigas e que de forma alguma esqueceria os rapazes da «Invicta». Fica combinado. Se vier ao Pôrto, assistir ao casamento de sua prima, venha então visitar-nos. Teremos nisso um enorme prazer.



Greta—Pôrto—Greta? Tens maneiras demasiado masculinas para te dares ares de Greta... A gente tem de se sugar a ver filmes bons em cinemas de 6.ª ordem se por qualquer motivo não os podemos ver quando passarmos nas salas de categoria. Pela tua rica saúdinha não me fales nessa música. Farto de «Teodoro» até às pontas dos cabelos estou eu!... Eu imagino o que seria êsse espectáculo!... —Abraços transmitidos. Obrigadinho.

Harold encravado—Viana—Lá dessas particularidades nada sei... nem elas me interessam. De mais a mais eu importo-me muitíssimo pouco com os outros. Eu bem sei que o egoísmo não é uma qualidade, mas nem Você imagina como êle me tem ajudado! É com uma armadura feita de egoísmo que nós conseguimos levar as coisas sempre pelo lado melhor e com um sorriso nos lábios. Se formos para o Inferno, no fim disto tudo, que importa? Estaremos em boa companhia. Garanto-lhe que vamos lá encontrar a Lya de Putti, a Alma Rubens, a D. Leonor Teles, a Madame Pompadour, a Ana Plácido e mil outras personalidades ilustres e variadas... Para o céu só vão aquelas beatas muito feias, que andam sempre vestidas de preto, a papar missas de hora a hora... e eu com essa gente... nem no céu me quero...

Preguntador e maçador—Pôrto—Não hesite, pergunte sempre. Eu não estou aqui para outra coisa. Aí vão as direcções que pede: John Barrymore: Warners-First National Studios, Burbank, Califórnia, U. S. A.; Buck Jones: Columbia Studios, 1438 Gower St., Hollywood, Califórnia, U. S. A.; Maria Sampaio: R. António Pedro, 143-1.ª, Lisboa-N. Está satisfeito?

Amokinho Ben-amok—Pôrto—Felizes olhos que o veem! Então que tem sido feito do meu velho amigo? Diz Você que foi uma rapariga encantadora que lhe roubou o tempo todo? Está perdoado, eu sei o que isso é... —Gostei de *O Presídio*, sim senhor, é um filme excelente. Juan de Landa tem, a meu ver, um trabalho excelente que não deve ter ficado muito atrás do de Wallace Beery, Obrigadinho pelo abraço. Até breve.

Aos leitores: Gaúcho, Cavaleiro Fantasma, A Futura Amoka, Alberto, Flor Mimoso, Cinéfilo debutante, A menina da franjinha, Bébé Daniels II, Manoel Martins Gaivotá Junior, Loira mas não calairo, Alvaro Gomes, Messon, Henrique da Silva Pinto, M. A. Marques, Conquistador de loiras, Arnaldo S. Ribeiro e Manoel Tomaz Gonçalves, agradeço, em nome de todos, os cartões de boas-festas que tiveram a gentileza de nos enviar.

Amok.

UM FILME DE VALOR

EU só vi a versão espanhola deste filme e é por ela que eu farei a minha apreciação à obra notável de George Hill. *O Presídio* — apesar-de, por razões puramente comerciais, não nos ter sido dado na versão original, como eu e meia dúzia de bons amigos do cinema teríamos preferido — é uma das melhores obras cinematográficas ultimamente apresentadas. Se nos deram a versão espanhola, dirigida por Ward Wing, não é a êste que nós devemos a magnífica composição filmica que vimos, mas sim, mas unicamente a George Hill, que fez a versão americana, a qual serviu de padrão para as outras versões, cujos realizadores se limitaram a copiar, ponto por ponto, o que já estava feito.

Para mim, o cenário dum filme e o assunto de que êsse cenário trata, têm sempre uma importância de ordem capital. Em *O Presídio* é justamente o argumento, devido a Frances Marion, um dos melhores méritos do filme. A argumentista foca a vida numa grande prisão americana — prisão que pode ser tomada como o modelo das prisões nos Estados-Unidos — e mostra-nos o efeito pernicioso do enclausuramento e da mecanização da vida dos presos, que, por falta de exercícios, de distrações, de educação, de bons alimentos, etc., em lugar de se regenerarem, de se arrependem dos crimes perpetrados, só têm uma ideia fixa: fugirem e vingarem-se.

Frances Marion faz nitidamente uma acusação, apresenta um problema cujo estudo deveria ser muito cuidado, um problema duma importância social enormíssima, mas, se até ao momento em que a revolta estala, a apresentação desse problema, com os seus funestos resultados, revela firmeza e uma decidida vontade de apontar um grave defeito duma sociedade que procura tender para a perfeição, nessa altura Frances Marion parece ter perdido a coragem de levar a cabo o seu intento, e mais uma vez é a força organizada que vence, é a ordem, é a lei que levam a melhor parte, depois de sofrerem — é certo — um rude abalo. A argumentista podia ter deixado de parte os sentimentalismos e levado mais longe a sua exposição — mas aqui há a contar com as imposições burocráticas e confor-

OPRESÍDIO

mistas da organização Hays. Podia mostrar-nos mais alguma coisa do que a imperfeição dum sistema social, que procura modificar as taras dos criminosos com um isolamento em gaiolas de aço e cimento, isolamento que é um suplício enraivecedor, quando lhes devia proporcionar, pelo exercício físico, a distração mental, o trabalho racionalmente distribuído, a boa alimentação, etc., o desejo de regeneração e a compreensão do crime.

Tal como nos é desenvolvido o problema, nota-se o mal que a prisão vai fazer àqueles que aí caem, muitas vezes levados por um crime praticado num momento de inconsciência, sem nos ser mostrado o perigo e as nefastas consequências que a falta de cuidado que é prestada aos presos pode causar, porque a força organizada é-nos apresentada como invencível, como inabalável. E sê-lo-á?...

Estes reparos são a exposição da minha maneira de ver, mas não pretendem de forma alguma diminuir nem as boas qualidades do argumento, nem o grande valor do filme, que está composto com segurança absoluta e duma «forma cinematográfica» a todos os títulos digna de aplausos. As imagens, as palavras, os sons e os silêncios têm aqui os seus verdadeiros valores e ocupam o lugar que lhes compete, combinando-se e completando-se numa harmonia perfeita.

No desempenho, Juan de Landa deve destacar-se pela sua excelente composição. É um grande actor. A cena da leitura da carta bastaria para o classificar. O personagem de Butch tem em Juan de Landa um intérprete admirável, que nos exterioriza duma maneira primorosa o carácter desse assassino, que não é absolutamente mau, mas que a prisão bestifica. Os outros intérpretes apagam-se ao lado dele, e se nem todos dão a satisfação desejada — e nisto é que a versão original devia ser muito superior — o conjunto não é quebrado por nenhuma deficiência grave.

Gostei de *O Presídio* e gostei francamente. Mas é um filme que não agradará ao «grande público», porque requiere um bocadinho de trabalho mental... e o público não quer que o obriguem a pensar... talvez porque o habituaram demasiado à vulgaridade e ao convencional...
Alves Costa.

B O N U S

PASSOS MANUEL
O L Y M P I A
O D E O N

Oferecido aos leitores da INVICTA CINE pelas Ex.^{mas} Empresas dos Cinemas:

50 % de desconto em todos os lugares na matinée do dia 14 de Janeiro de 1932.

50 % de desconto em todos os lugares nas matinées dos dias 14 ou 16 de Janeiro de 1932.

50 % de desconto nos lugares de Fauteuilles e Balcão no dia 16 de Janeiro de 1932.

AGUIA D'OURO

apresenta

na próxima Segunda-feira

O mais notável e emocionante documentário do continente negro até hoje exibido nos écrans portugueses.

A VOZ DA AFRICA

Um filme que encanta o público pela sua naturalidade e entusiasmo pela forma como re-produz grande número de detalhes inéditos e pitorescos admiravelmente cinematografados.

Um super filme que nos mostra todo o encantamento da selva e toda a crueldade das grandes feras.

Castelo Lopes, L.^{da}

A firma detentora dos melhores filmes
de produção europeia e americana

a p r e s e n t a

ESTA SEMANA

no

TRINDADE

A comedia musical

RATO D'HOTEL

falada e cantada em francês,

com

Betty Stockfield

(A encantadora intérprete de **A Cidade do canto**)

e os grandes artistas franceses

Roland Toutain e René Koval

Uma linda comédia que delicia todo o público